



Estamos em rotas!

COIMBRA **Fora d'Horas** After Hours

José Maria Pimentel - Fotografia

António Filipe Pimentel - Texto

A NOITE E A CIDADE

Na outra margem, a cidade é uma miragem. Um presépio, pousado entre a planura que avança desde o mar e os primeiros cumes das montanhas que, após ela, crescem, aos ímpetos, rumo à Estrela distante. Um bilhete-postal propositadamente modelado, parece; feito de encomenda. O casario que se apinha sobre o rio, encastelado, formando um bojo como uma arrufada; a longa argola das antigas muralhas, avultando ainda na base da *Couraça*; em cima, pesando como uma crista branca de açúcar em ponto, a larga massa do palácio régio, o *Paço das Escolas*, mais velho até que a própria realeza, pontuada ao alto pelo marco vertical da torre do relógio. Cidade redonda lhe chamaram há muito os geógrafos árabes. E há mil anos, de facto, que mantém a mesma escala e produz o mesmo efeito, em quem a vê, vindo do sul — como eles fizeram —, ao transpor, de chofre, a coroa do monte

THE NIGHT AND THE TOWN

On the other bank, the town is just a mirage. A creche placed between the surface advancing from the sea and the first mountain tops which grow impetuously after it towards the distant Estrela. You would say it is a postcard modelled on purpose; made to order. The castle-like houses clustering over the river form a belly as if it were an *arrufada*; the long ring of the ancient battlements still standing up on the base of *Couraça*; above it, heavy like a white crest made of candied sugar, the wide mass of the royal palace, the *Paço das Escolas*, even older than royalty itself, bearing on the top a vertical landmark — the clock tower. A round town! So was it called by the arabian geographers a long time ago. And it has really maintained the same scale for one thousand years and it still causes the same effect in those who see it, coming from the South — as they did — on crossing over

fronteiro, por onde, mais tarde, havia de trepar o arrabalde, agarrado aos pólos monacais de S. Francisco e Santa Clara.

Cidade velha já então, de resto. Cidade antiquíssima, derramada, pouco a pouco, da colina até ao rio, num progressivo alastramento que não traíu nunca a sua opção original. Síntese, por isso (geográfica, como idiossincrática, no dizer de Torga), entre o espírito que parte, rumo ao sul e à (a)ventura e o corpo que fica e se retrai, preso ao norte telúrico onde se lhe ficam as raízes. Entre os dois atavismos, em fim de contas, de que se compõe o próprio temperamento nacional. Por isso destinada a ser o berço medular de Portugal. E talvez seja essa sua dupla natureza, ambiciosa ao mesmo tempo de passado e de futuro, a razão de fundo de que a Coimbra de hoje (a cidade nova, tentacular, que dia a dia se espraia por encostas e vales) como que se oculte à sombra protectora do remoto cadiinho onde outrora se formou — como margem de si própria.

unexpectedely the crown of the opposite hill, where the outskirts would climb later, attatched to S. Francisco and Santa Clara monastic poles.

Actually an old town at that time. A very ancient town gradually poured down from the hill to the river in a progressive movement which has never betrayed its original option. Accordingly a synthesis (in Torga's words both geographical and idiosyncratic) between the departing spirit towards the south and to the ad(venture) and the remaining and shrinking body stuck to the telluric north where its roots are burried. After all the national temperament itself is born between these two atavisms. Thus its fate was to become the medular cradle of Portugal. And probably its double nature, eager for the past and for the future at same time, the real reason why Coimbra of today (the new tentacle-like town spreading by hillsides and valleys every day) seems to hide under the protective shadow of the remote melting-pot where it was formed in old times — like a bank of itself.

Quando o dia se vai e a noite engole, devagar, as últimas elevações do casario, uma coroa de luzes desponta lentamente e forma filigranas sobre o manto sombrio que poisou. E uma nova Coimbra nasce então. Atrás dos muros, entortada de empenas que se riçam contra o céu de tinta, a cidade velha aparenta mais que nunca escorrer pela colina, como que a fugir, no calcetado das vielas que se abismam contra a Porta de Almedina. Passo a passo, o relógio da torre vai marcando a madrugada, a solidão apossa-se das ruas e o rolar das horas pendura nas paredes, como estendais de roupa, longas filas de janelas silenciosas. De onde em onde, avultam como espectros, no labirinto impossível, velhas igrejas e palácios e grandes casarões colecionais e, a espaços, outras rendas se formam, a cinza e negro, na cidade das grades, no ferro retorcido dos portões e múltiplas sacadas. Cortada em silhueta, a bela *loggia* do Museu, ao cimo, parece rir de nada e, perdida, a Capela da Vitória, que enfim assiste a obras, dorme também, envolta no pijama que agora lhe

When the day is over and the night quietly swallows the last heights of the houses, a crown of lights rise slowly enough and draws filigrees on the dull mantle which has just laid down. And there a new Coimbra is born. Behind the walls twisted by the gables which bristle against the ink-like sky, the old town seems to be pouring down the hill, more than ever as if it were escaping, on the cobbled back streets which throw down against Porta de Almedina. Step by step the tower clock denounces the dawn, the loneliness invades the streets and the rolling of the hours hangs along the walls, just like washing lines, long rows of silent windows. Here and there old churches and palaces and enormous school buildings rise like ghosts in an impossible labyrinth and occasionally other laces are born painted grey and black in the city of the rails in the twisted iron of the gates and the many balconies. On the top, the beautiful silhouetted *loggia* of the Museum seems to be laughing at nothing and the lost Capela da Vitória which is being rebuilt at last, sleeps too, wrapped

envergaram — até que o som de um fado venha arrancá-la ao sono secular.

Entalada entre o rio e a muralha, riscada pela *calçada*, a Baixa é o mesmo e outro mundo: do Corpo de Deus a Santa Cruz e em torno à Praça Velha e a Sansão, são de novo as empenas inclinadas, as antigas igrejas e as velhas ruas tortas sumindo-se pela noite (mesmo aquela que é suposto ser *Direita*) que desenham a *Baixinha*, rumo ao Mondego, escuro, que se afunda. Agora, todavia, florescem tabuletas como líquenes, trepando pelas paredes, fantástico dédalo onomástico de utilidades e serviços que o tempo suspendeu; mas, pelas esquinas, a toponímia recorda ainda, donde em onde, a origem fabril deste lugar, arruando ofícios e funções, na velha tradição medieval. E é esse passado artesanal e mercantil, burguês, que gera esses rosários de vitrinas, onde se apinharam, em promíscua babel, os mais bizarros artefactos, de mistura com vultos de ficção que voltam ao vazio a derradeira moda. E são essas figuras siderais, aqui, os verdadeiros donos da cidade.

up in the pyjamas someone has put on it — till the sound of a fado comes and awakes it from a secular sleep.

Stuck between the river and the wall, crossed by the *calçada*, Baixa is the same and the other world: from *Corpo de Deus* to *Santa Cruz* and around *Praça Velha* and *Sansão*, you have got the same bent gables, the ancient churches and the old tortuous streets disappearing into the night (even that which is supposed to be *Direita*) that draw *Baixinha* towards the sinking dark Mondego. Now, however, there are brass plates blooming like lichen, creeping up the walls, an amazing onomastic labyrinth of utilities and services time has hung. About the corners, however, the toponymy still reminds here and there the factory origin of this place, organizing the crafts and the functions into streets according to the old medieval tradition. And that craft mercantile and burgher past creates those rosaries of shopwindows where the queerest artefacts mingled with fiction characters push the latest fashion into emptiness, cluster together in a promiscuous babel. And

E é um silêncio cúmplice, silêncio mágico, silêncio de cristal, o que se sente pela noite fora e o que se quebra quando, de súbito, dobra a esquina um par de varredores ou se sente no ar o lento ronronar dum carro de patrulha. Ou bate nas paredes a luz intermitente de uma ambulância urgente.

Suspensa sobre o rio, como em espelho que a duplica, a cidade parece posar assim para sempre, tão fantástica a imagem como o seu reflexo. E aquém da ponte, entre tasquinhas e restaurantes já cerrados, as grandes moles sem vida de S. Francisco e Santa Clara-a-Velha põem na urbe manchas ainda mais silenciosas. Sozinho na rotunda, no seu estranho atavio, de capelo e borla, um velho professor de bronze, concentrado, encarna a *cidade dos doutores*, e, atrás dele, guardando o *Portugal dos Pequenitos*, um par de trombeteiros, junto à porta do palácio encantado, parece congelado para sempre, como nas histórias infantis. Pelas ruas, em placards de apeadeiros onde ninguém espera, espreita, repetido e vâo, um jovem amor promocional e

those sideral figures are the real masters of the town. And what is felt through the night is actually a silence full of complicity, a magic silence, a crystal-like silence and also what is broken when unexpectedly a couple of street sweepers comes round the corner or when the slow purring of a patrol car cuts the air. Or when the intermittent light of an urgent ambulance strikes on the walls.

Hanging over the river, as if the river were really a duplicating mirror, the town seems to pose for ever. Its image is as amazing as its reflex. And on this side of the bridge, among taverns and restaurants, their doors already closed, the big lifeless bulks of *S. Francisco e Santa Clara-a-Velha* pour even more silent stains in the town. In the square, all alone, wrapped up in his strange garment, *capelo* and *borla*, an old professor made of bronze, brooding, embodies the *cidade dos doutores* and behind him, watching *Portugal dos Pequenitos* two trumpet players close to the door of that bewitched palace seem to be frozen for ever, as it happens in

vão-se diluindo, pouco a pouco, esquecidas pelas paredes, as feras exibidas pelo circo que passou. E também o *menino do piano*, sobre o seu fragmento de palco inverosímil, lança ao ar notas sem som no recinto deserto da *Praça da Canção*.

Ao virar de cada esquina, a colina matriz, coroada pela mancha impressionante do palácio escolar, que a perspectiva como que agiganta, regressa recorrente e atrai o olhar como força magnética. E ora se afigura brotar das copas aprumadas do choupal, enfileirado junto ao rio, ora de um renque de autocarros camarários, que dormem, em companhia de camiões vazios, entre campos de jogos e pavilhões desertos, enquanto aguardam, todos, o dia que há-de vir. E, lá do alto, o relógio da torre faz parar o tempo sobre o carro solitário, esquecido junto à margem, onde se abriga um par de namorados. Ao outro lado, vela também, decerto, suspensa contra o corpo imenso de Santa Clara-a-Nova (onde o seu próprio corpo intacto se conserva), a esbelta figura da Rainha

story books. Along the streets in the bus stops placards where nobody is waiting for, a young promotional love, insistent and useless, peeps and the wild beasts exhibited in a circus which is already gone, vanish slowly, forgotten about the walls. And also the *menino do piano*, standing on his fragment of an unbelievable stage, throws into the air soundless notes in the empty *Praça da Canção*.

In every corner, the mother hill, crowned by the impressive shadow of the school palace, made bigger due to the perspective, comes back and attracts the eyes like a magnetic force. And sometimes it seems to sprout from the erect tops of the poplars ranged along the riverside or from a row of town buses sleeping close to empty lorries between sports fields and desert pavillions all of them waiting for the coming day. And from the top the tower clock makes time stop over the solitary car someone forgot at the riverside where a couple of lovers takes refuge. On the other side the slender figure of the *Rainha* is certainly awake too, hanging

— que espera, por seu turno, a noite que virá: uma apenas, em cada Julho par. E é somente então que o céu se rasga em fogo e luminárias e um mar de povo une o morro à cidade. E que, enfim abertas as portas do convento, Ela sai, lenta e majestosa, envolta em preces. E a noite recompõe-se, uma vez mais, na sua esteira.

Porém, a cada Maio, desperta de igual modo, junto ao rio, o *menino do piano*. E, na cidade que é sua, a festa estudantil irrompe aqui, derramada também do alto da colina e as longas madrugadas ribeirinhas explodem por sete vezes de sons e vozes e passos cambaleantes. E é de novo um mar de gente que estrangula as ruas. E de novo a urbe volta a adormecer. Mas nem tudo é silêncio: entre a cidade velha, repartida entre a Baixa e a colina e Santa Clara, que, ao outro lado, lhe faz frente, mesmo que entrecortado, há movimento. Acessos novos, ligando às auto-estradas, desembocam junto à ponte um tráfego que a madrugada rarefaz mas não suspende

against the immense body of *Santa Clara-a-Nova* (where her own body is kept intact). She is waiting for the coming night too: only one in each two Julies. Only then the sky is torn into fire and lights and a sea of people joins the hill to the town. When the convent doors open wide at last, She comes out, slowly and majestically, wrapped up in prayers. And once again the night renews after her track .

Each May, however, the *menino do piano* awakes again near the river. And in the town which belongs to it the students'feast bursts here, pouring from the hill top and the long river dawns explode seven times in sounds and voices and staggering steps. And a sea of people suffocates the streets again. And the town falls asleep again. But silence is not everything. Even interrupted there is movement between the old town, divided between Baixa and the hill and Santa Clara facing it on the other side. New access roads, leading to the motorways, loose the traffic, which dawn reduces but doesn't interrupt, near the bridge and on the other side and

e, ao outro lado, há muito já, de facto, que um longo eixo se colou à orla envernizada do Mondego. E que novas artérias, largas, trazem à Portagem (por isso assim chamada), os que, galgando o rio, chegam de Lisboa ou para lá vão e os que partem rumo ao Porto e Beira ou, dessas bandas, demandam a cidade. Cidade-ponte, pois. É é ele, em fim de contas, a linha de fronteira entre imagem e reflexo, realidade e mito e, por conseguinte, também entre a cidade velha e a cidade nova (ou as *cidades novas*, que da velha, pouco a pouco decorreram).

E aqui, o pontilhado rubro dos semáforos, como carbúnculos, detêm carros velozes de noctívagos. E se, rumo ao Calhabé, o mar verde do Parque, dobrando o rio que reborda e a ilha vazia do coreto, alongam ainda o silêncio dormente da cidade, ao outro lado, rumo às estações, o giro dos polícias repete, como num teatro, as marcações esparsas de paradas figuras dispersas pela noite. E a cidade esvai-se, por aí, nesse desfile espectral que se recorta contra as novas

already for a long time a long axis has stuck to Mondego polished rim. And the new broad roads bring to Portagem (that's why it is called so) those who, crossing the river, arrive from Lisbon or just go there and those who leave to Oporto and Beira or those who come from those places and search for the town. Thence a town-bridge. After all it is the borderline between the image and its reflection, reality and myth and accordingly between the old town and the new town too (or the *new towns* which were gradually born from the old one).

And here the red dots of the traffic lights like carbuncles stop the bohemian's fast cars. And if you go towards *Calhabé*, the green sea of the Park, following the river it outlines, and the empty island of the bandstand still stretch the sleeping silence of the town. On the other side towards the railway stations the patrol policemen repeat, as it happens in a theatre, the sparse entries of moveless characters, scattered about in the night. And the city vanishes there in

construções que, anódinas, sem escala, roem as fimbrias do tecido urbano, brotando de crateras, antes de dissolver-se, ao longe, nos novos viadutos, num palmeiral hírto de cimento. E é na Rua da Sofia que a noite, silente, se reconstitui. E é quase insólita essa longa parada de colégios e de igrejas de severo alçado, imobilizada, na luz fixa das antigas lanternas, na larga e recta artéria com que, meio milénio atrás, a fixação da Universidade lancetou, junto a Santa Cruz, o flanco da cidade antiga — e onde emergem, de novo, entre as tabuletas dos doutores, os habitantes-fantasmas das vitrinas. Como insólito parece, ao dobrar-se a curva, entalado entre edifícios austeros de serviços e as perspectivas cubistas de Montarroio e do Colégio Novo, o genial *bibelot* da Fonte da Manga, capricho monacal e humanista que o Liberalismo devassou.

Há vozes agora na cidade e sons de vida. Intermittentes, pela Sá da Bandeira, entre prédios de rendimento oitocentistas, descem e sobem carros, dando a volta na rotunda, acima do

that ghostly parade cut out against the new anodyne buildings without scale gnawing the fringes of the urban area springing out from craters before dissolving afar in the new viaducts among rigid cement palm trees. In *Rua da Sofia* the silent night renews. And that long parade of schools and churches with a severe façade is almost queer standing still in the fixed light of the old lanterns, in the wide straight street that the establishment of the University has cut half a millennium ago near *Santa Cruz* the flank of the ancient town — and where the ghost-like inhabitants of the shopwindows rise out again among the brass plates of the graduates. The ingenious *bibelot* of *Fonte da Manga*, the monastic humanistic caprice Liberalism exhibited stuck between the severe buildings of services and the cubist perspectives of Montarroio and Colégio Novo seems queer too when you come round the corner.

Now there are voices in the town and life sounds. Intermittently cars move up and down *Sá da Bandeira* among buildings for hire from the 19th century, around the

mercado e, mais ao alto, ao redor da Praça e da boca verde e negra da Sereia. E aqui e ali, na soleira de bares e em esplanadas de cafés fechados, atarda-se um que outro punhado de estudantes, joviais fantasmas, também eles, esquecidos de si no tempo parou. Como esquecida parece, a esta hora, mais acima, no seu largo silêncio de alameda, a Rua Larga, Via Ápia escolar, onde avulta, solitária, a figura tutelar do Rei Dinis — mesmo que os cinco lanços das *Monumentais*, no seu coleante ziguezague, se afigurem querer projectá-la para fora e derramá-la, de novo, na cidade. Depois, virada a esquina do Botânico, rumo ao Calhabé e pelo Penedo, em Celas, na Conchada, na Solum, no Vale das Flores, na Conraria, por várzeas, por encostas, a cidade alastrá desalmada; como se fora um pano, uma toalha imensa desdobrada. Velhas e novas casas somam-se há muito umas às outras, num enorme e infinito dominó e, donde em onde, como numa pele, avultam tatuagens que mãos furtivas lá deixaram — marcas de amor e posse.

square, above the market and farther around Praça and Sereia's green dark mouth. And here and there on the pubs sills and on esplanades which cafés have already closed you meet a late group of students, merry ghosts, who have also forgotten themselves in the time that has just stopped. *Rua Larga*, the school *Via Apia* where the lonely tutelar statue of King Dinis stands out seems to be forgotten now, even farther, up in its wide avenue silence — even though the five flights of *Monumentais*, with their sinuous zig-zag, try to project it out and pour it into the town again. Then after the corner of *Botânico* towards *Calhabé*, along *Penedo*, at *Celas*, at *Conchada*, at *Solum*, at *Vale das Flores*, at *Conraria*, along fields and hillsides, the city spreads at random as if it were a piece of cloth, an huge unfolded towel. Old and new houses have been clustering together for a long time in an immense infinite domino. Here and there, as if on a skin, there strike tattoos secret hands have left there — marks of love and possession.

Por ruas, praças e jardins, aqui e além, emergem rostos de pedra e bronze ensimesmados. E todos, casas e figuras, repercutem o silêncio interminável. E propagam no tempo (o tempo escasso, que só a noite tem) a sua luz: a luz especialíssima da noite. Luz lisa, às vezes, batida em paredes e calçadas; outras luz molhada, espelhada no asfalto que a chuva envernizou, criando halos fixos na neblina e disputando espaço e tempo à madrugada que, pouco a pouco, avança. De longe em longe, é certo, uma janela fulge iluminada. É gente que trabalha pela noite dentro. Gente que conta o tempo no tempo que parou. Chega um combóio, com passageiros tresnoitados; luz uma farmácia de serviço; uma ambulância risca o chão, veloz. Nos hospitais, sem horas, ministram-se cuidados. E há obras urgentes que não param. Mas é ainda o dia regateando à noite o seu domínio — sem que, com isso, chegue a dominá-la. E é Ela, na verdade, quem realmente reina em toda a parte.

Brooding faces made of stone and bronze rise occasionally in streets, squares and gardens. And all of them, houses and figures echo the endless silence. And they diffuse in time (that short time only night has got) their own light: the very special light of the night. A smooth light, sometimes reflected on the walls and on the cobbled streets; other times a wet light, reflected on the asphalt polished by the rain, creating fixed haloes in the mist and disputing space and time to the slow advancing dawn. Now and then a window lights up. It is people working through the night. Counting time people in a time which has just stopped. There arrives a train bringing sleepless passengers; light in a pharmacy on duty; a fast ambulance crosses the ground. In the timeless hospital patients are cared for. And there are urgent works which can't be interrupted. But it is the day itself denying the night its own domain — but unable to dominate it. It is really the one that reigns everywhere.

António Filipe Pimentel

Fotografia

José Maria Pimentel

Texto

António Filipe Pimentel

Versão em inglês

Madalena Caixeiro

Arquitectura da exposição

Francesco Marconi

Grafismo e maquete

José Maria Pimentel

Realização gráfica

Paulo Lucas

Coordenação

António Saramago



Copyright para a 1ª edição: Edições ELO

Seleção de cor, Impressão e Acabamento: ELO - Publicidade, Artes Gráficas, S.A. (Maia)

Depósito Legal: 202627/03

ISBN: 972-8753-11-X